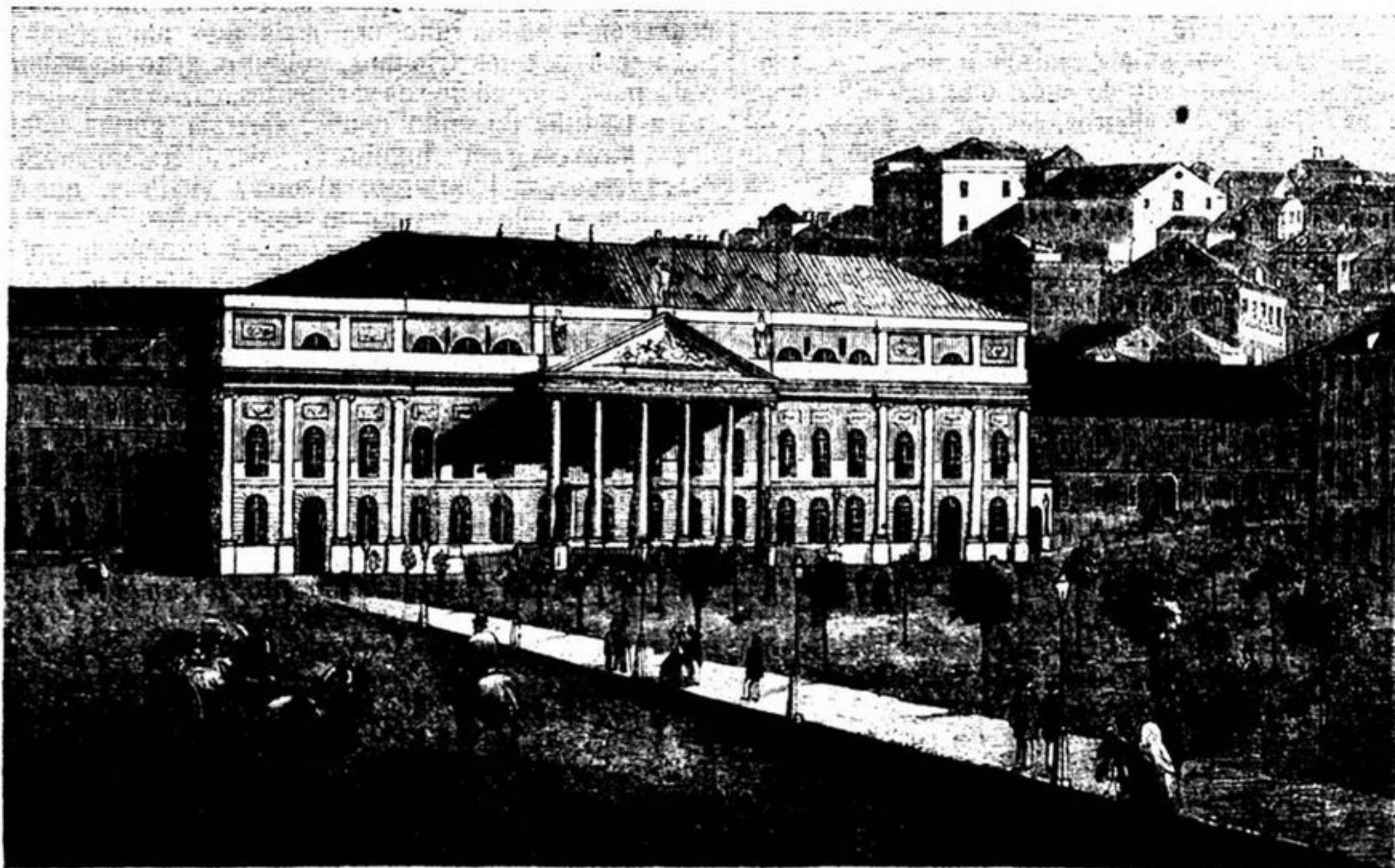


## THEATRO DE D. MARIA II.

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

Singular e estranho destino persegue ás vezes as obras do homem. Que vicissitudes! Que baldões da sorte! Quem dirá, se por ventura não for sabedor da historia, que n'aquelle edificio, que hoje é templo das artes, já se aqueceu a fornalha, aonde ossos humanos se tismaram para honra e gloria de um Deos de clemencia e bondade! Quem dirá que no garrido e loução theatro de D.

Maria, aonde echoam risos e volitam jogos, erguia-se outr'ora um palacio torvo e sombrio, minado de carceres, em cujos arcanos soterrados reboaram maldições de tre-dos juizes e rangeram dentes milhares de victimas. E comtudo, esta a historia authentica e genuina do nosso theatro normal. Singularissimo contraste muito para pensar e admirar. Rastreemos, porém, sem grandes individuações a historia d'este edificio. Sigamos a monographia d'este monumento de pedra desde a sua fundação até hoje. Muito havemos de aprender que o theatro de



D. Maria II teve o condão de andar ligado, desde eras remotissimas, ás grandes revoluções que alteraram por vezes mui profundamente o viver e crer de Portugal. D'esses edificios se pôde dizer affoitamente que são verdadeiros livros de pedra, porque foram testemunhas mudas e quedas e eloquentes dos principaes successos de que reza a historia.

.....  
Era no meiado do seculo XV. D. João I, o rei heroico, havia descido ao tumulo, envolto na velha armadura, aonde batera de chapa o sol em mil recontos. O cavalleiro, que conquistou a corôa e libertou o reino nos plainos de Aljubarrota, o fero conquistador de Ceuta, o primeiro portuguez, que pizou as areas adustas da Africa e desfraldou ao vento do deserto a bandeira do occidente, o artista, que fundara a Batalha, esse monumento de um povo juvenil, conscio da propria força; o rei popular emfim, eleito pelo povo e filho do povo, repousava das fadigas da vida na crypta do seu mosteiro, e as suas cinzas dormiam o derradeiro somno.

A ala dos namorados e os cavalleiros ardentes do cóndestavel já se tinham esvaído a pouco e pouco, e cada qual por sua vez, nas sombras da morte. Nascera e crescera outra geração, com outras esperanças, com diversos intuitos. A D. João I succedera D. Duarte, á ala dos namorados os marítimos de Sagres. Os leões do occidente geraram os leões do oriente, os titães deram o ser a outros titães, os quaes avassallaram o Adamastor, titão como elles.

D. Duarte, porém, passados cinco annos de reinado, morreu da peste, que assolou por aquelles tempos o reino; o heroico e malfadado irmão do sancto infante finou-se ouvindo os prantos e lamentos dos seus vassallos moribundos.

Perdêra um pai o reino, e ficara-lhe uma creança, le-nue vergonteada da heroica estirpe.

Appareceu então um homem, que segurou com mão experiente as redeas da governança, e dotou o paiz de grandes melhorias, ao passo que lhe dirigia os impetos e hardimentos. Era o infante D. Pedro, um dos vultos mais venerandos e respeitaveis d'essa época gloriosa. Era o infante D. Pedro, soldado valente e audaz, sabio cosmographo, amantissimo das grandes entreprezas, que por largos annos preparou, já com os seus estudos e viagens, já com a poupança dos redditos e boa direcção do espirito nacional.

Era pois no meiado do seculo XV (1) Portugal ia sendo procurado pelas nações da Europa. Todas queriam a alliança e amizade deste pequeno reino, que esbracejava já, e intentava rasgar com as prôas dos seus galeões as nevoas, que encobriam o berço da aurora.

O vasto porto de Lisboa mal podia receber no seu ambito os baixes que vinham de toda a parte, e raro era o dia em que um embaixador estranho não vinha pactuar com o grande infante que ora geria a coisa publica.

Era forçoso dar condigna e faustosa pousada a tão ricos estrangeiros. Assim o pedia a grandeza propria.

Determinou-se D. Pedro a erguer sumptuosa fabrica, aonde recebessem moradia e gasalhado não só os embaixadores senão tambem os cortezãos, que não tivessem cabida nos paços reaes.

Esta a origem dos *paços dos estaos*, ou *hostaos*, vocabulo antigo, que quer dizer hospedaria publica.

Occupava o paço dos Estãos o lado septemtrional para oeste, sendo que o Rocio tinha a mesma situação de agora com a só differença de ser então muito irregular.

Serviu o palacio pela primeira vez em 1451, por occasião das festas que houve em Lisboa, quando a infanta

(1) 1449, segundo o sr. Vilhena Barbosa. Escreveu este sabio o erudito academico alguns artigos sobre o mesmo assumpto no VI volume do *Archivo Pittorresco*, que recommendamos aos leitores assim como todos os trabalhos de tão abalizado escriptor.



D. Leonor, filha de D. Leonor, filha de D. Duarte e irmã de D. Alfonso V, o Africano, contrahiu nupcias com Frederico III, imperador da Allemanha. Foram pomposamente acolhidos os embaixadores tudescos durante os mezes que se demoraram na já então florescente Lisboa.

Correram emtanto os annos. A simplicidade e rudeza de costumes de D. João I cedera o passo ás blandicias e lenidades de D. Manuel, e este, após tantos annos ininterruptos de venturas e glorias, baixou á sepultura. Com a morte do rei venturoso começou a decadencia de Portugal. A mortalha de D. Manuel deixou vastas sobras para a mortalha do paiz. Subiu D. João III ao throno, e com elle assomaram de envolta os primeiros negrimes do fanatismo torvo e sombrio.

Se os judens haviam sido expulsos e definhada a industria nacional; se a sede de ouro, que não a fé immaculada e os brios de cavalleiros, levava os portuguezes ao oriente, ao rei fanatico e intolerante coube a triste sorte de dar o derradeiro golpe á prosperidade publica.

Qu'importava que os baixes vergassem com o peso das pedrarias e especiarias, e os heroes recebessem as pareas do oriente, se as praças africanas eram abandonadas, e se perdiamos o futuro dominio de tantas riquezas para colonisar as plagas longinquas de Santa Cruz! Qu'importavam esses restos, embora sumptuosos, de opulencias herdadas, se a Santa Inquisição surgia das sombras, qual furia delirante, brandindo o facho ardente, que havia de tisonar os ultimos alentos do povo?

Qu'importava o nosso poderio se o cancro nos comia as entranhas e nos dilacerava implacavelmente? Oh! Portugal era já um paiz moribundo. Gloriosos e para sempre admiraveis eram os seus derradeiros arrancos, com os quaes estremecia o mundo espavorido. Mas ninguem podia dar vida ao cadaver. Cercavam-n'o as lividas sombras da morte, seu rei entoara-lhe o hymno funebre e as psalmodias tetricas da egreja, e no seu tumulo aninhava-se a inquisição como um reptil gigante e roaz, que carecia de fogueiras para se desentorpecer. A inquisição! Que idéas pavorosas não sobem á mente quando soltamos esta palavra fatidica! A santa inquisição! Não vasculhemos esse paul infecto, esse lago de sangue, aonde pullularam cardumes de vermes sanguinarios! A santa inquisição! Macula indelevel da historia moderna, criação hybrida do fanatismo hespanhol, do delirio clausural, da voluptuosidade ardente de homens que, na força da idade e das paixões, sentindo os impudicos extasis dos flagícios, sequestrando-se do mundo, que aborreciam para melhor o dominar, arreceiando-se de satanaz, que os perseguia, afogavam em sangue o vulcão, que lhe ia revolto e medonho lá dentro!

Era necessaria a inquisição a Portugal moribundo. Era necessario que as fogueiras lividas e sinistras espalhassem de envolta com os seus clarões o espanto, a morte, o estrago. Era necessario que um rei fanatico lhe desse acolhida nos seus paços, e escondesse a purpura por traz da negra sotaina, da medonha estamemha de S. Domingos.

Assim fez D. João III, e o paço dos Estãos tornou-se o ergastulo immenso de um povo escravo. Nas salas aonde pousaram tantos fidalgos estrangeiros e nacionaes; n'aquellas salas, que serviram de abrigo a tantos varões illustres, e foram testemunhas de scenas de gloria, amor e saudades, ergueram-se potros, accenderam-se fornhalhas, prepararam-se tractos, forjaram-se algemas e cadeias. As tapeçarias foram substituidas, chumbadas as grades nas janellas, por onde entrava outr'ora livre e á folga ar, luz, calor e vida. Era necessario que o aspecto do palacio da inquisição fosse lugubre e carrancudo, era necessario que fosse... inquisitorial. Tudo soffreu completa transformação. Corriam estreitos passadiços pelo meio das paredes, os carcereiros abobadados tinham miradouros imperceptiveis, e o desgraçado não podia soltar um gemido ou uma maldição sem que os barbaros e implacaveis algozes o ouvissem. Fôra longo descrever já o palacio inquisitorial, já as saturnaes christãs, que começaram no paço dos Estãos. Assumpto é esse de si tão importante, que não cabe nas estreitezas de um artigo. Os que forem curiosos devem ler a *Historia da Inquisição em Portugal*, pelo profundo e sabio historia-

dor o sr. A. Herculano, e nessa obra admiravel, verão como a hydra do christianismo teve artes de aninhar-se em Portugal.

São passados mais de dois seculos e meio. Encarregou-se uma grande catastrophe, o terramoto de 1755, de derrubar o palacio da inquisição, e comquanto resurgisse mais augmentado e sumptuoso das ruinas fumegantes, dava o marquez de Pombal profundo golpe na sanguinaria instituição, acabando com as differenças entre christãos novos e velhos, abolindo o castigo do fogo e cortando as azas ao abutre, que esvoaçava sinistro no firmamento de Portugal.

Estamos em 1820. O povo sedento de liberdade e reconhecendo emfim que era mais que um rebanho, ergueu-se á voz dos tribunos, soltou o grito de redempção e do mesmo modo que os parisienses, correram os lisboenses á bastilha do santo officio, abriram portas enferrujadas, atravessaram lugubres salas, franquearam carcereiros escuros, libertaram algumas victimas, que ainda restavam, e afinal, refugiram espavoridos, horrorisados, mal podendo acreditar na crueza e ferocidade dos seus antigos algozes. Pouco faltou que o edificio não fosse arrasado, e se as victimas não escaceassem tanto em virtude das sabias restricções do grande marquez, certo que o povo havia de dançar tambem sobre os fundamentos da bastilha religiosa.

Sumiu-se para sempre esse espectro mal raiou a liberdade, cujos clarões escureceram as fogueiras.

Quando rebentou a revolução no rocio, e a palavra magica—liberdade,—reboou, com a velocidade do relampago nos quatro angulos do paiz, foi derrubada a estatua da Fé, que campeava no alto da empena, calcando aos pés a heresia. Foram delirantes os applausos da multidão, que se revolia, como as ondas do oceano.

A revolução porém, com ser popular porque apregoava e sanctificava os direitos do homem, que não mais podia ser arrebanhado á vontade de um pastor despotico, tinha inimigos entranhados. Entre estes e na vanguarda, apparecia o vulto do general Silveira, que lamentava a queda do despotismo e almejava alevantar-o das ruinas, em que baqueára. N'este intuito intentou proclamar a constituição hespanhola de 1612, de parceria com outros conjugados, para á sombra d'ella crearem uma situação politica, em que podessem dictar a lei ao paiz, como diz o sr. Vilhena Barbosa.

Ainda a revolução não estava consolidada, e surgiam inimigos de toda a parte; mas já o grande Fernandes Thomaz recebia a apothese do povo, que lhe entregou, nos paços da inquisição, as funcções governativas.

O illustre patriota pagou depois com a vida na masmorra, este grande acto de valor civico e humanitario.

Por uma d'aquellas antinomias terriveis e inexplicaveis da historia, acontece quasi sempre que os que quebram os ferros dos povos, morrem em ferros.

A revolução de 1820 deu pois mate á inquisição. A luz afugenta as sombras, a vida expelle a morte.

Os carcereiros, não mais foram povoados, já não reboavam nas abobadas os echos plangentes de suspiros e lamentos.

As fogueiras, que ainda bruxuleavam depois do ministro de D. José, foram extinctas de todo. O *cré ou morre* dos mahometanos incircumcisos ninguem ousava proferir-o n'aquella época auspiciosa, em que os velhos romanos como que reviviam na brilhante pleiade de liberaes. Os brandões funerarios das confrarias já não allumiavam as longas procissões de penitentes, e os inquisidores e familiares em vão derrubavam o sobrececho, que ninguem entoava supplices preces.

Só restava, após tantos annos de barbaros supplicios, a tradição ensanguentada e lugubre de um tribunal terrivel, composto de algozes, que tripudiaram em uma orgia de matança e carnificina.

Em 1821 decretaram as côrtes a extincção da *Santa-Irmandade* de pavorosa memoria. Folgaram a justiça e a humanidade no inulto tribunal da historia.

O povo acolheu com frémios de alegria esse decreto memoravel.

O palacio da inquisição soffreu então diversas vicissitudes. No seu ambito estanciaram, desde 1820 até 1836,



o governo provisório, a camara dos pares e o thesouro publico, até que um incendio pavoroso o devorou, deixando-lhe apenas as paredes.

De justiça foi que o fogo purificasse aquelle edificio, aonde correu tanto sangue innocente.

*Continua)*

## IDILIO

III

### A arvore do bom pastor

Na margem de um rio caudaloso, cujo leito humilde era rodeado de altos e escarpados rochedos, vegetava, solitaria, robusta azinheira. Causava dó vêr a gigantesca arvore, que na planicie teria elevado até ás nuvens sua magestosa coma, crescer sem gloria em áspero e profundo barranco. De que servia os seus ramos estenderem-se a grande distancia em roda do tronco? De que servia, suas flores, soltas pelo vento, formarem a seus pés macia e deliciosa alfombra? Nunca viu pastor algum procurar á sua sombra abrigo contra o fogo abrasador do meio dia, nem jamais ouviu o terno discorrer de dois amantes, nem os alegres sons das danças campestres, nem a voz grave e solemne dos anciãos, ora em pastoril concurso, adjudicando o premio do canto, ora em doce colloquio, ricos de experiencia, pregando a virtude: aos maus annunciando curta vida e cheia de tormentos, aos justos promettendo larga senda de paz e de virtude. Da vereda do monte, a cujos pés jazia a infeliz arvore, os rebanhos lhe despiam os ramos da sua copa e as creanças da aldeia faziam fogueiras dos seus despojos; por isso, se algum estrangeiro a admirava, não obstante a sua humilde posição, os filhos d'aquella terra diziam: «Como pode ser grande a arvore cujas flores e fructos são colhidos pelos nossos pequeninos no seu mais elevado cimo!»

Ostente em má terra um bello coração suas flores, seus fructos de ouro um alto engenho. Em vão! Como troncos sem seiva murcharão; como as aves sem ninho morrerão sem canto e sem plumagem; ou como tu, formosa azinheira, desconhecidos pela ignorancia, viverão sem lustre entre brenhas, sem honra entre abrolhos.

—Cortemos esta arvore inutil, disse um dia Narciso, seu dono; o seu producto dar-me-ha, pelo menos, duas cabras e uma ovelha. Com as primeiras augmentarei o meu rebanho, com a segunda, de flores e fitas adornada, presentearé a minha querida Lilia. E alegre, ufano com tão feliz ideia, pensando na sua pastora e cantando, começou a desbastar a pobre arvore.

«Caíam, disia, teus ramos e teu tronco aos repetidos golpes do meu machado, velha azinheira, e invejem o teu destino as arvores, que nos bosques e nos prados o furacão derriba, ou as que podendo resistir aos seus furores morrem velhas entre injurias e affrontas. Não morrerás, não, sem recordações e sem gloria. Quando Lilia, com seus lindos braços, enlaçar o alvo collo da minha ovelhinha, quando, amorosa, acariciar o seu fino vello pensando em mim, então abençoarei tua memoria, e juntamente com o meu amor guardal-a-hei para sempre em meu peito.

«Trinai suavemente, passarinhos que vos aninhaes em sua ramagem; soprai em torno vosso doce alento, auras embalsamadas, que dais frescura á sua sombra, voz ás suas folhas; morra o vosso amigo entre caricias como o menino que do regaço materno baixa á sepultura.»

Assim cantou Narciso; e apenas acabava, quando uma voz grave e sonora feriu seus ouvidos. Approximou-se para ver de quem era, e reconheceu o pastor Cecilio, oraculo da aldeia, honra e gloria da comarca. Assentado aos pés da azinheira, reclinada a veneravel cabeça sobre o tronco, levantava para o céu seus olhos já amortecidos pela idade, puros como sua alma, doces e ternos como o seu terno coração, e assim dizia:

«Tenho visto o fogo consumir as cidades e abraçar os campos; tenho visto a terra commovida estremecer com fragor e derribar os templos, soberbos palacios e as humildes cabanas; tenho visto as guerras estrangeiras e as dissensões intestinas agitar sobre os povos seus fochos homicidas e apagalos com sangue; e quando as innocentes creanças brincavam com as pedras dos tectos dourados e das santas abobadas; quando os reis pereciam nos supplicios, como se foram obscuros malfeitos; quando as nações se não poupavam á morte, vi tambem, arvore amiga, que o hospede da tua ramagem cantava alegre e tranquillo em sua guarida, em quanto que tu crescias formosa como os filhos das selvas, modesta como tude quanto é grande e formoso.

«Vi o teu tronco em sua infancia, pequeno ainda e flexivel, crescer com grande custo em terra pobre; vi-te, solitaria e sem apoio, levantar para o céu a fronte secca e sem adornos, qual orpham abandonado. Bemdita seja a mão que te protegeu! Vi-te depois forte, erguida, feliz, como se amor de mãe te tivesse conservado, como se formosa companhia houveras tido; e ao passo que os annos teem ido desfolhando uma a uma as flores da minha vida, as tuas nascem mais bellas e fragrantés de primavera em primavera. Bemdita seja a vontade de quem te fez formosa, e bemdito o poder que te tornou forte, arvore querida.

«Gosto de te ver subir e crescer quando eu velho e fraco desço e morro! Cavar-se-me-ha a sepultura a teus pés e grata sombra á minha humilde lapida darão teus ramos, e aceitarás agradecida os ultimos amores do que na vida não teve filhos nem esposa! Mil annos vivas e outros mil, linda azinheira; e o céu conceda verdor eterno a tuas folhas, ditosa liberdade ao passarinho que formar seu ninho em tua ramagem; zéphiros brandos á tua copa formosa, fresca chuva e terna amiga a tuas raizes. Já mais o aquilão ou o sudoeste furiosos te murchem, nem traidor insecto te disse que roendo-te o coração.»

Assim cantou o ancião. Approximando-se depois de Narciso: «Orpham, lhe disse, conserva a solitaria arvore; é tua irmã. Vem comigo viver, será teu tudo quanto possuo. Eu vos adopto: a ti para a curta vida que me resta; a ella, para depois da vida.»



O desejo de Cecilio foi satisfeito. Os restos mortaes do ancião foram depositados aos pés da azinheira, que os habitantes da aldeia chamaram d'ahi em diante a *arvore do bom pastor*. É fama que desde então goza a azinheira de uma constante primavera, e que uma multidão de flores de exquisita fragrancia, nascidas espontaneamente á roda da sepultura, embalsamam o ar, sem nunca murcharem. Dizem os pastores que a alma do bom ancião, ao subir á mansão dos justos, passou por aquellas flores, communicando-lhes uma pequena parte do seu divino perfume, e que no silencio da noite se ouvem debaixo da arvore suavissimas e ineffaveis harmonias, que não são mais do que os echos da sua voz celestial.

## BATALHA DE POITIERS

Este nome sôa lugubrememente, como o de Crécy, como o de Azincourt, aos ouvidos francezes. Estas tres batalhas foram por muito tempo as tres maculas estampadas na alva bandeira das flores de liz, maculas que os francezes só julgaram lavadas com o glorioso sangue de Fontenoy. Em Poitiers, em Crécy, em Azincourt o leopardo inglez tripudiou ovante sobre os rotos pendões dos descendentes de Carlos Magno.

Longas foram as guerras travadas durante a idade media entre a França e a Inglaterra. Motivaram-n'as principalmente e facilitaram-n'as o possuir o rei de Inglaterra, na sua qualidade de duque de Normandia, extensos territorios no continente francez. Correram estas guerras (que deram principio ao velho rancor, que entre si dividio as duas nações) com varias alternativas. A corôa de França, rolando da frente fragil de Carlos VI, o rei louco, chegou a cingir a frente dos monarchas inglezes. Voltou ella aos seus naturaes possuidores, graças á iniciativa audaz de uma criança verdadeiramente inspirada por Deus, Joanna de Arc. E assim findou a prolongada lueta, que inimizou os dois povos durante a idade media, lueta que se reaccendeu depois em varias occasiões, e hoje parece quasi de todo aplacada.

Retrocedâmos á época, a que nos chama a gravura. Reina Eduardo III em Inglaterra, Eduardo III o fundador da Jarreteira, o pai do principe Negro, d'esse vulto sublime, que brilha nas trevas da idade media com o duplo esplendor do valor cavalleiresco, e do talento militar.

O principe de Galles, cognominado o principe negro pela negra armadura que usava constantemente, é talvez o general mais notavel de uma época, em que, mais do que a habilidade e a estrategia, decidia as victorias a força bruta. A pericia d'este grande homem fez inclinar para o lado da Inglaterra a balança, em que se pesam os triumphos militares. Teve tambem a França um homem notavel a oppor-lhe; mas esse era mais do seu tempo, mais cavalleiro andante do que habil general. O homem, a quem nos referimos, já de certo os leitores o adivinharam, era o condestavel

Duguesclin, o predecessor de Bayard em bravura pessoal, em caracter integerrimo, e em cavalleirismo immaculado.

Mas nem esse mesmo estava na batalha de Poitiers. Faltava o heroe da França para disputar, ao menos por um instante, as palmas da victoria ao heroe da Inglaterra.

Era em 1356. Invadiam as tropas inglezas o territorio da França. Eduardo III invadia a Picardia, seu filho, o principe Negro, atravessava, precedido pela victoria, as mais fertes provincias francezas. Saio-lhe ao encontro o rei João á testa da flor da sua fidalguia.

Contava dezeseis mil homens o exercito francez, oito mil apenas o do principe Negro.

Apenas o rei de França vio approximar-se o inimigo, logo foi ouvir missa e commungar juntamente com seus filhos, que o acompanhavam. Ingenua usança d'esses tempos, em que Deus era invocado para auxiliar a satisfação das páixões desenfreadas dos homens.

Apesar da superioridade numerica dos francezes, era da parte d'elles uma imprudencia acceitar a batalha, que o intrépido principe lhes offerecia. Tão habil quanto valoroso, o principe de Galles escolhera um terreno favoravel, d'onde os seus besteiros, abrigados pelas arvores que lhe cobriam a frente de batalha, espalhariam a morte nas fileiras francezas antes que estas podessem chegar a alcance de se travarem, arca por arca, com os seus inimigos.

Foi o que succedeu. O rei João dividiu o seu exercito em tres corpos, commandados, o da vanguarda pelo duque de Orleans, irmão do rei; o do centro pelo duque da Normandia e o da retaguarda pelo monarcha em pessoa. Como a cavallaria formava a maxima parte do exercito francez, e como o terreno aonde o principe Negro, como consummado estrategico, chamára a batalha, não se prestava ás manobras d'essa arma, o rei de França mandou apeiar uma porção dos seus cavalleiros, e encurtar as lanças, porque previa e desejava que fosse o combate corpo a corpo. Avançou a linha commandada pelo duque de Orleans, e foi recebida por uma nuvem de frechas, que introduziram a desordem nas suas fileiras. Os cavallos feridos recusavam avançar, e atropellavam os peões, que se lhes seguiam. Muitos dos cavalleiros, arrastados pelos corceis furiosos, caíram no meio da segunda linha, que igualmente desordenaram. Apossou-se o pannico dos francezes, que já n'esse tempo, temiveis na avançada, se desmoralisavam facilmente em sendo obrigados a fazer um movimento retrogrado.

O corpo, commandado pelo rei, foi o unico que oppoz uma resistencia seria, e salvou a honra das armas francezas. Praticaram-se alli essas gentilezas e façanhas, que os menestreis cantavam com entusiasmo, e os chronistas registravam escrupulosamente nos seus venerandos in-folios. O rei João em pessoa praticou actos de valor, que desculpam até certo ponto a sua imprudencia de general. O seu filho mais novo, que foi depois Philippe o Au-





daz no catalogo dos reis de França, então apenas de idade de treze annos, principiou logo d'ahi a merecer o cognome com que a historia o distinguio. Debalde os Inglezes insistiam com el-rei João que se rendesse, o intrépido monarcha respondia-lhes abrindo em torno de si um largo circulo com a espada ensanguentada. Só queria entregar-se ao principe de Galles, mas, vencido pelos rogos do cavalleiro de Artois, que combatia nas fileiras inimigas, constituiu-se afinal prisioneiro.

O principe Negro tratou-o com extraordinaria distincção; recebeu-o na sua tenda e quiz elle mesmo servir-o á meza, não cessando de louvar o seu valor, e procurando adoçar-lhe as amarguras do captivo e a vergonha da derrota.

A batalha de Poitiers teve para a França consequências desastrosas. Além dos sacrificios que teve de fazer para resgatar o seu rei, ficou-lhe no campo de batalha a flor da sua nobreza. De 16:000 combatentes, morreram 6000.

Eram assim as batalhas antes da invenção da palavra, estigmatizada por alguns philosophos que se dizem humanitarios!

## PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

### VI

Assim, conversando e rindo, tinham-se ido aproximando do sitio, d'onde partiam os sons, que, ouvidos ao longe, tanto tinham enlevado os contraguerrilhas, e que se iam tornando cada vez mais distinctos e harmoniosos. Afinal, um jorro de vivissima luz inundou o arvoredado, que, rareando-se de subito, deixou ver uma ampla clareira, e n'essa clareira um espectaculo, deveras proprio para maravilhar homens menos habitados do que esses aventureiros, aos casos inesperados e extravagantes das florestas mexicanas.



No meio da clareira ardia um fogo, cujo clarão avermelhado purpureava as arvores immoveis, que circumdavam a *sala de baile* (chamamos-lhe assim por justos motivos), e projectava sombras vacillantes nas diferentes veredas que alli iam ter, e que até um certo ponto eram illuminadas pelos lampejos da fogueira. Junto d'esta, insolentemente recostado na relva, estava um homem, o unico do bando, dedilhando uma guitarra com toda a *nonchalance* do amator andaluz, e contemplando a dança lasciva d'um bando de mulheres, que revolteavam n'um *bolero* dos mais animados, acompanhando-se com as inevitaveis castanholas. Entre estas mulheres havia-as bonitas, teias e horrendas, havia-as de todas as procedencias, mexicanas, hespanholas, indias até, mas todas essas nacionalidades se fundiam perante a influencia magnetica do bolero e das castanholas, da guitarra e do pandeiro, que se casavam harmoniosamente inundando a floresta de melodias, que tinham ido, como vimos, affagar suavemente o ouvido dos contra-guerrilhas.

Depois das scenas de guerra e de sangue que tinham vindo procurar, esta scena de paz e de serena tranquillidade não podia deixar de incantar os aventureiros soldados. Todos elles estavam muito longe de se parecerem com a Herminia do Tasso, mas convenço-me de que todos sentiram a impressão que a heroina do poeta de Sorrento sentio ao deparar-se-lhe a dois passos das pelejas sanguinosas, dos combates de Jerusalem, do acampamento dos cruzados, o suave idilio dos pastores.

Não foi pequeno o espanto dos dançadores, ao verem apparecer de subito na clareira aquelle grupo inesperado, e ao verem scintillar as chammass nos canos das espingardas, nas folhas das espadas, e nas bayonetas luzentes. Ao brado de espanto e de satisfação com que os contra-guerrilhas saudaram esta scena tranquilla, que se lhes deparava, corresponderam os actores d'ella com um grito de terror.

Logo se lhes dissipou o susto, ainda que não fosse senão pela impossibilidade em que estavam de fugirem. Todas fizeram da necessidade virtude. Era impossivel a fuga, resignaram-se. Tambem, se fugissem, parece-me que fugiriam como as nymphas da Ilha dos Amores do nosso immortal Camões fugiam dos aventureiros companheiros de Vasco da Gama, para terem o prazer de ser alcançadas, para darem aos seus perseguidores a doce gloria de as vencerem.

O «guitarreiro» esse é que tentou esquivar-se de veras. Armou o pulo, e saltou como um jaguar para o mais cerrado do arvoredo. Mas logo deu um grito porque se achou nos braços d'um homem, que surgia d'esse lado onde elle não esperava inimigos.

Entretanto os soldados, com o consentimento do commandante, capitulavam com as suas mais ou menos bellas prisioneiras, escolhiam par e preparavam-se para aproveitar o baile, a que o acaso os convidara. Era tanto mais justa a sua resolução quanto, como depois conheceram, essas mulheres

e esses preparativos esperavam n'esse sitio os bandidos, que lhes appareciam agora manietados e encerrados n'um circulo de bayonetas.

Só faltou o guitarreiro; o homem, como vimos, no impeto da fuga fôra cair nos braços d'um novo actor, que parecera surgir de proposito do centro da floresta para se prestar a essa tocante scena. Quando todos perguntaram por elle, viram-no apparecer rebolando junto da fogueira. O homem fizera a sua entrada em scena d'um modo um tanto original impellido pelos braços robustos do recém-chegado, que não o recebera, como vêem, com um carinho exemplar.

Todos se riram, e o que fornecera assumpto para as gargalhadas, approximou-se mansamente do capitão Viarmont, que permanecia distraido, e disse-lhe, tocando-lhe no hombro:

—Capitão, preciso que me oiça. Ao deixar para sempre este mundo, não quero que a minha imagem fique gravada, como a d'um assassino selvagem, na memoria d'um homem de bem.

O capitão voltou-se estremecendo, e vio Perez Lorenzo.

(Continúa.)

## UM PESADELLO

Era n'um baile de mascarar: logar da scena, ambiguo; actores, meia duzia de mancebos assentados em torno de uma mesa, onde se via os mais exquisitos manjares e vinhos de todas as qualidades. A conversação, a principio *sotto voce*, ainda que um pouco animada, foi seguindo depois a escala progressiva até chegar a um *tutti* atroador, no qual um musico poderia observar uma desafinação crescente.

Primeiro que tudo convem dizer que *eu* (monosyllabo salanico) representava uma unidade da mencionada meia duzia.

Ainda que não conservo mais do que uma idéa confusa d'aquella scena, recordo-me, comtudo, que, em quanto os meus cinco companheiros, com o rosto afogueado e os olhos faiscantes, referiam uns a outros, sem se attenderem, as conquistas d'aquella noite e os encantos da polka intima, a minha pessoa (procurarei evitar o *eu* tanto quanto me fôr possivel) cantarolava em voz baixa a walsa do Fausto, batendo o compasso com uma faca, que feria simultaneamente um prato, onde jaziam os restos do esqueleto de uma perdiz. A minha attitude reconcentrada e quasi silenciosa no meio d'aquella tumultuosa assembléa formava um contraste flagrante, que os meus amigos não podiam deixar de perceber.

—Ólá, acorda! me disse um d'elles, dando-me com o pé por debaixo da meza. Então, não está quasi a dormir este senhor!

—Levanta os olhos, disse outro, se é que não receias de que n'elles contemos os copos que tens bebido.

Parece-me que n'este momento levantei a cabeça.



—Sabes, meu amigo, que és passaro de mau agoiro? exclamou um terceiro; essa cara de miserere é impropria da situação.

—Muito bem dito. É dissonante.

—Incongruente.

—Vá-se deitar.

—Não, não, falle.

Procurei fazer um esforço sobre mim mesmo.

—Sabem o que lhes digo? exclamei a final olhando em torno de mim; é que os vossos rostos vão-se tingindo successivamente de amarello, azul, encarnado e até de todas as côres do arco iris.

—Safa! conhece-se que tem bebido mais do que um inglez.

—Isso é conforme a côr do vinho com que nos olhas.

—É singularissimo! tornei eu, com a insistencia propria da embriaguez, e levando aos labios um copo formidavel, coroado de fervente escuma; n'este momento todas as phisionomias passaram de encarnado a uma côr de ouro vivissima.

Esta observação foi acolhida com estrondosas gargalhadas, em quanto que eu sentia com prazer na garganta o agradável atrito do artificial *champanhe*.

Cançado sem duvida, d'aquelle esforço, ou para melhor dizer, magnetizado pelos vapores do nectar, tornei a deixar cair a cabeça, mostrando-me insensivel a tudo quanto me rodeava. Julgo, todavia, que procurei abrir os olhos; porém, cada uma das palpebras pesava, seguramente, tres a quatro mil kilogrammas; quiz livrar-me d'aquelle peso importuno, mas os braços negaram-se a obedecer-me, e...

Estou desconfiado que adormeci.

Não, porém, com esse somno tranquillo e descansado, parenthesis da vida, que com tanto afan deseja quem padece; pelo contrario, com um d'esses somnos agitados em que a sensação se duplica e em que a vida moral se reconcentra em um sentimento exclusivo, em um desejo supremo. Subito, vi fluctuar ante meus olhos uma figura branca, cujos contornos se perdiam nas sombras: nada mais fantastico e voluptuoso que esta apparição, superior ás creações de Raphael, superior, em fim, á propria natureza. Um véo branco, semelhante a uma d'essas nuvens que vagam pelo ceu em noite de lua, occultava suas feições, deixando transparecer o brilho abrasador de seus olhos.

Fez-me um leve signal com a mão, como que chamando-me, mas em vão: as pernas e os braços negaram-se ao movimento e fiquei immovel, não sem experimentar um inexplicavel sentimento de angustia.

Não obtive melhor resultado outro novo signal da sylphide, até que me voltou as costas e começou a caminhar. Como o aço attrahido pelo iman, assim uma força, cuja origem desconhecia, me arrastou em seu seguimento. Os pés não se moviam, e comtudo caminhava.

Na minha cabeça ainda havia alguma coisa que

se parecia com baile de máscaras, e por isso foi ao salão que o meu guia mysterioso me conduziu. Via-a revoltear por cima d'aquelle fervente oceano de cabeças, e seguia-a sempre com o coração palpitante. Depois de ter percorrido todos os angulos do salão, desapareceu por uma das portas, deslizando-se ao longo de um corredor escuro e tortuoso, para o qual me senti arrastado em seu seguimento. A medida que caminhavamos as paredes iam-se estreitando visivelmente, e prestes me achei preso entre ellas, sem poder retroceder, nem avançar. Um suor frio brotou da raiz dos meus cabellos erriçados pelo terror, e senti a cabeça tomada de vertigem: a vista obscureceu-se-me: faltou-me aos pés o ponto de apoio e despenhei-me em um chaos de trevas!

A tentadora imagem não tinha desaparecido: vi-a circumdada por uma auréola de luz, que fazia realçar os seus contornos no fundo escuro do espaço. Quiz approximar-me d'ella: ella voltou-se e veio então para mim; cingi-lhe com o meu braço a sua esbelta cintura, cuja fria e dura superficie me gelou o sangue nas veias. Atravez do seu branco véo, dois pequenos pontos luminosos vinham ferir-me as pupillas: era sem duvida a chamma que despediam as suas: arranquei-lhe aquella importuna venda. Horror! Em vez de um rosto radiante de belleza, encontrei a fria e repugnante imagem da morte! Era uma caveira, cuja boca sem labios, entreaberta, tinha uma expressão de cruel sarcasmo. No fundo d'aquellas duas escuras cavidades brilhavam duas chispas phosphoricas, que contribuiam a dar uma expressão ainda mais sombria ao seu espantoso conjuncto. Inutilmente tentei arrancar-me de seus braços, que me agarravam com uma força sobre natural, e assim continuamos a rodar pelo vacuo, sem ar, sem luz, sem horisonte. O fantasma approxinou do meu o seu rosto de esqueleto: os meus labios sentiram o frio contacto da sua boca carcomida: no cumulo da angustia quiz retirar violentamente a cabeça, que bateu sobre uma superficie dura, e me fez exhalar um gemido de dor.....

Accordei!

Estava deveras cançado. Em torno de mim tudo era desordem; alguns dos meus companheiros resonavam deliciosamente estendidos sobre as cadeiras e outros tinham desaparecido. Atravez do cortinado das janellas a aurora tingia de uma cor livida todas as phisionomias. O ruido que vinha do salão era mais igual, porém, mais rouco e amortecido do que quando eu e os meus companheiros de banquete o abandonamos.

Acendi um charuto e fumei: isto serenou-me completamente; parecia que a terrivel imagem do meu sonho fugia involta no fumo que me saía da boca.

Entrei no salão. Um baile de máscaras, no seu ultimo periodo, tem sempre alguma coisa de terrivel. Então já não lia mulheres bellas. O triste sello da orgia imprime em todos os rostos a sua marca infernal: o matiz das faces, o carmin dos labios, a voluptuosidade dos olhares, tudo desaparece. Já não ha prazer, commoções, resta só o fas-



lio. Parece que o demonio da realidade empeçonha com seu halito aquella atmosphera pouco antes impregnada de beijos, de queixas e suspiros de amor.

Uma mascara approximou-se silenciosamente de mim, pegando-me no braço.

—Vamos! me disse, já são horas. Tenho-te procurado toda a noite, por toda a parte, sem te encontrar. Receei que me tivesses esquecido.

Em resposta levei o charuto á bocca, fugi-lhe com o braço, metti as mãos nas algibeiras e, voltando costas, dirigi-me para a porta com um passo vacilante, sentindo d'ahi a bocadinho açoiar-me o rosto o frio orvalho da madrugada.

Mais de um leitor, ao terminar a leitura d'este artigo, exclamará:

—É que me importa a mim tudo isto? Quem é que não tem sonhado alguma coisa parecida? Estes senhores fazedores de artigos, julgam que tudo quanto lhes succede é sobrenatural.

Tranquillise-se, leitor. Tem razão: os leitores tem-n'a sempre. Lembre-se, porém, que a vida é um sonho, que sonhou ter lido este artigo como eu sonhei tel-o escripto. Se o sonho lhe parece mau, classifique-o de pesadello e d'esse modo concorda commigo.

## BEATRIZ

### XIII

Beatriz estava só; Jacques saíra.  
Tinha passado um anno des que a bella  
Commettera o delicto imperdoavel  
De abandonar o conde; a providencia  
Não lhe tinha, porém, como em castigo,  
Amortecido a esplendida belleza  
Do rosto encantador: anjo caído,  
Inda ostentava o mimo, a graça pura  
Que o ceo lhe havia dado, como a poucos.  
Era amada e feliz, toda a existencia  
Espirava-se então n'um paraizo  
De ventura, ideal; como pensara  
Na escura cerração que em torno d'ella  
Se condemnava já, quando em sua alma  
Grata aurora de amor gentil brilhava?....  
Beatriz estava só; rapidamente  
Um confuso tropel lhe invade a sala.  
Que foi?... quem era pois?... porque viriam  
Amedrontar a pomba que arrulhava  
No seu ninho de murtas perfumadas?..

Ceos! eu a vi sem cor, sem voz, sem tino,  
Rojada aos pés de um velho, que bradava  
A' chusma dos algozes:—«Eil-a e esta!»—  
Ceos! eu a vi sem cor, sem voz, sem tino,  
Morta de espanto e dor, arrebatada  
D'aquelle ceo de paz, como a folhinha  
Que o norte agudo arranca ao jasmineiro,  
É a yai deitar nos agoações immundos!..  
Ceos! eu a vi....— não vi, peço desculpa,  
Porém ouvi contar; um dia o conde,  
Firmado em tres artigos cascarrudos  
Do *Codigo penal*, foi com a justiça  
Dar principio ao castigo memoravel  
Que a lei lhe concedia;— ó Christo, Christo,  
Como tu eras bom, como sabias  
Quanto é facil cair no horrendo abismo  
Que se nos rasga aos pés!... Que atire a pedra  
À mulher que peccou, quem jamais teve  
Um remorso a morder-lhe a consciencia!..

### XIV

Estou certo que alguém, de gosto e critica,  
Censura esta passagem, como avessa  
Ao lyrismo, ao perfume, a singeleza,  
A' graça natural, e a muitas cousas  
Que os versos devem ter; oh! mas se a gente  
Seguir, como ovelhinha, estes pastores  
Que nos estão guardando as lettras patrias,  
Tomba da serra abaixo em pouco tempo.  
Cada qual tem seu rumo; a minha estrella  
É meu pharol,—caminho e não percebo  
O canto chão dos criticos roufenhos.  
É trivial o assumpto?... que me importa!...  
Fora melhor talvez sagrar a musa  
Ao genero de truz, aos grandes cantos,  
E aos retumbantes versos que apavoram;  
Fallar no Parthenon, em Guido, em Paphos,  
Nas abelhas do Hymeto; entrar no Egypto,  
Conversar com as piramides altivas,  
Dar voz ao rayo, ao vento, aos esqueletos,  
As montanhas, ao pego, ao mundo inteiro,  
Aos demonios cruéis; fazer um côro  
De estrondo á Mayrbeer,—que produzisse  
Tres vagados mortaes, e depois d'isso,  
Adormecer na gloria satisfeito.  
Talvez fosse melhor, creio até mesmo  
Que este ponto é de fé; mas quem me dera  
Que em logar disso tudo, um dia cedo  
Eu podesse escrever *El diablo mundo!*—

E. A. VIDAL.

Continua

## IMPROVISO

Bem sei que o gelo do inverno  
só tristezas reverbera;  
mas se pródiga de incantos  
dos annos a primavera  
em tua fronte sorri,  
¿porque repelles de ti  
a sancta luz da alegria,  
e por entre um véu de lagrimas  
olhas alem no horisonte  
a neve que o vento envia  
às cumieiras do monte?  
¿porque fitas tristemente  
com esse olhar maguado  
aquelle arroio gelado  
que alem sustou a corrente?

Afasta os olhos do gelo!  
o monte, não queiras vel-o  
nem as neves que lá vão  
dependurar-se na crista  
que no horisonte se avista  
atravez d'esta janella  
açoutada do aquilão.  
Vem! inclina-te em meu seio;  
e, se lhe ouvires o aneio,  
contente verás então  
que se o rigor da estação  
tuda lá por fóra gela,  
não gela meu coração!

Janeiro de 186...

CANDIDO FIGUEIREDO.

São os dous entes mais parecidos da natureza,  
o poeta e a mulher namorada: vêem, sentem,  
pensam, fallam como a outra gente não vê, não  
sente, não pensa, nem falla.

GARRETT.